

• LÍNGUA E
LINGUÍSTICA

DE MAGIA (MS. LAUD OR. 282, BODLEIAN LIBRARY): GRAFEMÁTICA E NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DO SEGUNDO PUNHO

Aléxia Duchowny*

Resumo: Estudo da escrita do segundo punho do códice *De magia* (Ms. Laud Oriental 282, Bodleian Library), guia astrológico aljamiado em língua portuguesa e caracteres hebraicos, datado do século XV. Além da classificação da escrita, analisa-se a representação grafemática do manuscrito – grafemas simples, nexos, dígrafos e trígrafos –, tendo-se como embasamento teórico-metodológico a proposta de Bernheimer (1924). Propõe-se, também, um sistema detalhado de transcrição dos grafemas hebraicos para os grafemas latinos, o que tem como resultado um sistema grafemático não apenas coerente mas também econômico.

Palavras-chave: Aljâmia. Grafemática. Português arcaico.

INTRODUÇÃO

Examinam-se, neste texto, os aspectos grafemáticos do segundo punho do *De magia* (Ms. Laud Or. 282, Bodleian Library), um guia astrológico do século XV em judeu-português, isto é, em língua portuguesa, mas em caracteres hebraicos, sistema de escrita definido como *aljâmia*. O primeiro punho do *De magia* já foi transcrito por Duchowny (2007) e analisado pela mesma autora em 2012. Uma contextualização sócio-histórica do manuscrito como um todo e uma descrição do primeiro também já foram feitas (DUCHOWNY, 2010a, 2010b), faltando, então, a transcrição do segundo punho e seu estudo. Aqui, preenche-se a lacuna da análise do segundo punho e espera-se, a longo prazo, fazer-se a transcrição dessa segunda e maior parte do manuscrito (332 fólios, de um total de 461), utilizando-se as propostas aqui feitas. Não é difícil encontrar justificativa para tal trabalho: os estudos sobre o judeu-português são ínfimos, sendo os mais completos os acima citados. De fato, até

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte – MG – Brasil. E-mail: alexiateles@hotmail.com

mesmo a definição do que seria o judeu-português carece de clareza e, dado o foco deste trabalho, não será abordada aqui.

Será feita uma apresentação do sistema grafemático do documento em questão, subdividida em: 1. grafemas simples, que comporta a maioria dos elementos analisados; 2. nexos, composto de apenas um elemento; e 3. dígrafos e trígrafos. Os grafemas são caracterizados, tendo-se como base os detalhados Minervini (1992) e Bernheimer (1924)¹. Laura Minervini trata, especificamente, das aljamias em judeu-espanhol, mas verificou-se a aplicabilidade da sua proposta para essa aljâmia em judeu-português. Em seguida, os grafemas são exemplificados, comparados com os seus cognatos do primeiro punho, quando apresentam diferenças significativas, para, finalmente, serem transcritos. Espera-se, assim, desmistificar a dificuldade que um documento com tais características possa suscitar aos linguistas – o que os afasta das aljamias, isolando-as dos estudos –, apresentando uma proposta de transcrição coerente e aplicável a outros textos semelhantes.

Uma pergunta é recorrente toda vez que se trata de aljamias: por que o uso de caracteres hebraicos para representar uma língua românica? Esse uso poderia ser interpretado como um tipo de automarginalização, já que os cristãos não conseguiriam ler aljamias, conforme arriscam Hilty e Sirat (2006)? Qualquer que seja a resposta, os mesmos autores garantem que os escritores de aljâmia a utilizavam de modo consciente, pois conheceriam perfeitamente o alfabeto latino.

CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA DO *DE MAGIA*

Ao comparar as letras do segundo punho do *De magia* com o quadro “Desarrollo del alfabeto cursivo” (WEINFELD, 1951, p. 215), que classifica as letras hebraicas, podemos afirmar que se trata da escrita “cursiva oriental sefardita”, apesar de muita semelhança, também, com o tipo que o autor numera como 12, que é asquenazita. Já dentro desse grupo, o segundo punho do *De magia* se assemelha mais aos tipos ditos 7, 8 e 9 (Provença século X, Itália século X e Grécia século XIV, respectivamente). Há bastante semelhança, também, com o exemplo de letra cursiva sefardita do século XI apresentado por Birnbaum (2007, p. 703).

De um modo geral, os grafemas do segundo punho são muito semelhantes aos do primeiro e as diferenças específicas de cada um são apontadas nas seções adiante. Pode-se perceber que os grafemas do segundo punho apresentam as extremidades dos traços que os compõem mais pontiagudos, enquanto os do primeiro punho são mais arredondados. Ademais, os do segundo punho são mais próximos uns dos outros, fazendo mais contato um com o outro, se comparados com o primeiro punho. Por isso, é maior o grau de dificuldade de leitura.

A seguir, vejam-se os vários tipos de grafemas organizados conforme a ordem do alfabeto hebraico. O nome da letra vem antecedido da sua forma quadrada. Os exemplos, em caracteres hebraicos, tal como se apresenta no original, devem ser lidos da direita para a esquerda, como toda aljâmia. À direita de cada exemplo, encontra-se o número do fôlio e a linha na qual a palavra se encontra no manuscrito original.

1 Não se teve acesso, lamentavelmente, a Beit-Arié e Engel (2002).

Grafemas simples

(a) א Álef

Assemelha-se a um U invertido, apresentando forma arredondada. Na parte superior à direita dessa forma em U invertido há uma pequena haste na diagonal, para a direita. Aparece, às vezes, com a terminação à esquerda mais longa do que a terminação à direita e com o corpo central da letra menos arredondado, assemelhando-se a um kuf. Aproxima-se das cursivas orientais de Bernheimer (1924) e da cursiva oriental sefardita de Weinfeld (1951).

Foi transcrita como <a>, mas também pode não ter representação gráfica alguma, quando precede um yud ou um vav vocálico, em início de palavra, e na composição de um ditongo ou de um hiato. Conforme explica Minervini (1992, p. 25), que bem se aplica ao judeu-português,

<´> [álef que não representa uma vogal] é empregada entre duas matres² (inclusive nos casos de repetição da mesma mater) para assinalar ditongo e hiato; ainda que, neste caso, se trate de um uso decalcado da ortografia hebraica, na qual cada vogal se apoia em uma consoante: <´> tem a função, portanto, graficamente, de dar suporte à segunda vogal (a primeira se apoia na consoante que a precede), evitando a sequência de dois sinais vocálicos.

Exemplos:

- Álef vocálico: <propedades> פרופיִדאדיש (199v-16);
- Álef sem representação sonora, em início de palavra começada por vogal e entre duas vogais: <uun> אואון (276r-6).

(b) ב Bet

De acordo com Bernheimer (1924), nas escritas cursivas e semicursivas, bet com uma linha curva (em oposição à linha reta da Itália e da Alemanha), é típico das escritas orientais e espanholas. Em relação a Weinfeld (1951), a semelhança maior é com a cursiva oriental sefardita. Foi transcrito como . Exemplo: <obraren> אוברארין (416v-1).

(c) ב' Bet com diacrítico

A forma é a mesma do bet simples, havendo como diferença apenas um risco diagonal para a direita, de traço fino, acima dele ou um ponto. Foi transcrito como <β>.

Além do bet, como se verá a seguir, pode haver diacríticos também sobre o pei, o dálet e o guímel. De acordo com Minervini (1992, p. 29), “de um modo geral, os diacríticos parecem ser um elemento inovador na grafia aljamiada, que tende a uma maior precisão na representação da realidade fonética”. Exemplo: <ouβeren> אואויבִּירין (276r-32). No caso do segundo punho, tanto o bet com diacrítico quanto o bet sem ele têm o traço vertical sem um dentamento para dentro, em que o bet acaba por se assemelhar ao numeral três.

2 *Matres lectionis*, segundo Kohring (1991), são letras indicadoras de vogais, presentes em um “esquema de vocalização” do hebraico desde o final do século I. Além de álef, também fazem parte dele vav, yud e hei.

(d) ג Guímel

A linha vertical e a horizontal arqueada para cima fazem o guímel do *De magia* aproximar-se de exemplos da escrita cursiva oriental de Bernheimer (1924). Já os exemplos de cursiva oriental sefarditas de Weinfeld (1951) não apresentam, nenhum dos nove, um arco para cima na linha horizontal, sempre reta. Há, inclusive, dois exemplos do cursivo alemão-europeu oriental mais próximos deste. Foi transcrito como <gu> e <g>. Exemplo: <logar> לוגאר (276r-2).

(e) ג̇ Guímel com diacrítico

O diacrítico é um ponto sobre a haste vertical. O grafema foi transcrito como <ch> e <j>. Exemplo: <jupiter> ג'פ'יט'יר (276r-12). O guímel, com ou sem diacrítico, do segundo punho, apresenta a linha horizontal arqueada, ao contrário da do primeiro punho, que é reta.

(f) ד Dálet

O ângulo entre a haste horizontal e a vertical é de 90°, com ligeira tendência da haste vertical para a esquerda. O ângulo reto seria, de acordo com Bernheimer (1924), típico da escrita quadrada. Mas como a haste vertical mede a metade do tamanho da horizontal, ou até menos do que isso, o grafema não apresenta a forma aproximada de um quadrado dos exemplos propostos pelo autor. A forma se aproxima ao cursivo oriental sefardita de Weinfeld (1951), mas parece ser pouco usual a haste vertical ser tão menor do que a horizontal. Sua transcrição é <d>. Exemplo: <dos> דוּשׁ (200r-32).

Ao contrário do que acontece no primeiro punho do *De magia*, não há dálet com diacrítico. Para Minervini (1992), o uso do diacrítico sobre o <d>, com o qual se assinala a variante fricativa [ð] de /d/, é pouco usual e poderia ser decorrente do bilinguismo árabe-castelhano do escriba. Além do mais, a haste vertical do segundo punho é, usualmente, menor do que a do primeiro.

(g) ה Hei

A haste esquerda é reta e maior do que o lado direito do grafema, ao qual se encontra ligado (ao contrário de vários exemplos apresentados por Bernheimer (1924)), na parte superior à direita. O mesmo autor afirma que o lado direito sinuoso, que caracteriza o dálet do *De magia*, é uma característica típica das letras semicursivas e cursivas orientais. Sua transcrição é <a> ou sem representação gráfica. Exemplos:

- Com representação: <perdida> פ'יר'ד'י'ד'א (85r-25);
- Sem representação, finalizando uma palavra terminada em <a>: <sua>, em que <a> representa o álef: שׁוּאָה (276r-18).

Enquanto no primeiro punho a haste vertical da direita não toca na linha arredondada que se encontra acima dela, no segundo punho observa-se o contato entre as duas.

(h) ו Vav

O traço único vertical de vav tende para a esquerda e vai afinando de cima para baixo, fazendo a letra se assemelhar a uma vírgula. A forma direcionada para a esquerda é típica tanto da escrita semicursiva quanto da cursiva (BERNHEIMER, 1924). Como é uma forma que apresenta pouca variedade, é difícil

identificá-la com um único exemplo dos apresentados por Weinfeld (1951) e Bernheimer (1924). É transcrito como <v>, <o> e <u>. Exemplo: <espeytos> אישפייטוש (199v-25).

(i) ז Zain

Zain é muito semelhante ao vav, mas seu traço único vertical assemelha-se menos a uma vírgula, sendo um pouco mais reto do que vav, mesmo que direcionado para a esquerda também. Sua cabeça é maior e mais arredondada. É difícil decidir-se pelos exemplos propostos por Bernheimer (1924) e por Weinfeld (1951), mas haveria uma maior proximidade com o zain cursivo. Transcrito sempre como <z>. Exemplo: <razon> ראזון (416v-28). Seu traço é mais verticalizado do que o do primeiro punho.

(j) ה Het

Het não foi usado pelo segundo copista nos fólios analisados, tendo ficado restrito à representação do numeral oito pelo primeiro. Conforme Minervini (1992), hei, het e ain não costumam ser empregados nos textos aljamiados. Het costuma aparecer apenas em palavras de origem árabe, frequentemente com grafias defeituosas. Assim, não é surpreendente a ausência dela no segundo punho do *De magia*.

(k) ט Tet

Enquanto, no primeiro punho, a linha arredondada da direita se une à da esquerda próximo à ponta superior, no segundo punho o contato entre as duas linhas é na ponta inferior da linha vertical da esquerda. Exemplo: <tenporal> טינפוראל (200r-2).

(l) י Yud simples

A forma mais usual do yud é arredondada, mais próxima à forma de um ponto do que de uma vírgula. Transcrito como <e> e <i>. Exemplo: <manifesta> מאניפיישטא (199v-11)

(m) כ Kaf

Kaf não foi encontrado nos fólios analisados. Isso não é surpreendente porque, já no primeiro punho, foi usado, com um diacrítico sobreposto, apenas para representar o numeral vinte. Os copistas dão preferência ao uso de kuf. Para Minervini (1992, p. 27), os grafemas referentes a tet (ט) e a kuf (ק) são “grafemas correspondentes em hebraico aos fonemas originalmente enfáticos” e

[...] confundem-se no hebraico pós-bíblico com seus correspondentes não enfáticos /t/ (tav = <ת > <t>) e /k/ (kaf = <כ > <k>); a preferência da aljâmia por essas formas gráficas é provavelmente devida à pronúncia fricativa das oclusivas não enfáticas em posição fraca. A aljâmia moçárabe faz a mesma escolha, servindo-se de ta´ e qaf.

(n) ל Lámed

Lámed apresenta dois traços juntos um do outro, sendo um deles na vertical e outro direcionado para a esquerda. Assemelha-se a exemplos de escrita cursiva oriental sefaradí de Weinfeld (1951). Ao se comparar com os exemplos de Bernheimer (1924), observa-se clara semelhança com um exemplo que o

autor afirma ser frequente nas escritas italianas arcaicas. Exemplo: <libro> ליברו (416v-31).

(o) מ Mem

Bernheimer (1924) afirma que há dois tipos mais frequentes de mem inicial: um tipo triangular com os três lados dispostos em ângulo agudo, e outro arredondado, no qual o corpo do grafema é um traçado curvado e para dentro. Mem do segundo punho assemelha-se a exemplos arredondados tanto da escrita semicursiva quanto da cursiva de Bernheimer (1924) e de Weinfeld (1951). Nos fôlios analisados, mem final não foi encontrado. Exemplo: <mente> מינטי (200r-26).

(p) ן Nun inicial/medial e final

Há dois tipos principais de nun inicial: um com a cabeça pequena e a base larga, e outro com a cabeça maior e a base mais estreita (BERNHEIMER, 1924). O nun do segundo punho, de forma arredondada, segue, então, o padrão do primeiro tipo proposto pelo autor, predominante na escrita cursiva e na semicursiva. Nun inicial/medial tem muita proximidade com os exemplos de cursiva de Bernheimer (1924) e das cursivas de Weinfeld (1951), apresentando a linha vertical de tamanho aproximado à horizontal. Ao contrário do que afirma Bernheimer (1924), nun inicial não é tão fácil de ser confundida com vav. Exemplo de nun medial: <tanto> טאנטו (416v-25).

Já nun final apresenta menos variedade entre as escritas do que o inicial. No caso do segundo punho, observa-se uma cabeça ligeiramente direcionada para a direita e uma linha vertical reta, assemelhando-se a vários exemplos da escrita cursiva. Exemplo: <en> ן (200r-17). Ambas as formas são transcritas como <n>, sem diferenciação.

(q) ס Samech

Samech apresenta uma forma arredondada, finalizada no lado esquerdo superior, com um apêndice no lado esquerdo inferior, condizendo com exemplos de escrita cursiva e semicursiva de Bernheimer (1924) e a cursiva oriental sefardita de Weinfeld (1951). Foi transcrita de duas formas, <c> e <ç>. Exemplo: <acendente> אסינדינטי (200r-1).

(r) ע Ain

Ain não foi encontrada nos fôlios analisados e transcritos do segundo punho. Foi usado uma única vez pelo primeiro copista, iniciando o nome próprio Ali Ab<e>n Ravdan (fólio 21v, linha 9). Também Minervini (1992) encontrou apenas uma ocorrência em seu *corpus*, tendo sido transcrita como <´>.

(s) פ Pei

Bernheimer afirma que o pei apresenta muita variedade na sua forma. No segundo punho do *De magia*, observa-se um pei inicial arredondado com um apêndice na parte superior pouco desenvolvido. A linha do lado direito do grafema aponta para a esquerda e para cima, indo além do apêndice. Há semelhança, principalmente, com os exemplos da escrita semicursiva de Bernheimer (1924), mas também a cursiva e com a cursiva oriental sefaradí de Weinfeld (1951). Foi transcrito como <p>. Exemplo de pei inicial: <probeito> פרויבטי (416v-27). Pei final não foi encontrado.

(t) פֿ Fei

A forma é a mesma do pei, com um pontinho sobreposto ao grafema, mais próximo do lado esquerdo. Foi transcrito como <f>. Exemplo: <for> פֿוּר (200r-26). Fei final não foi encontrado.

(u) צ ך Tsadik

Grafema não encontrado nos fôlios analisados do segundo punho. No primeiro punho, foi encontrado apenas dez vezes para representar somente duas palavras, <astrolábio> e <justiças>.

(v) ק Kuf

O kuf apresenta a linha vertical reta, com pequena tendência para a esquerda. O risco arredondado sobre a linha vertical está aberto no topo, tocando-a com seu final. Este risco arredondado tem muita semelhança com o resh. Assemelha-se a alguns exemplos de escrita semicursiva de Bernheimer (1924) (ver o comentário feito na seção (m) de kaf). Apresenta maior semelhança com os exemplos de escrita cursiva alemã europeia oriental, apesar de algumas semelhanças também com a cursiva oriental sefardita. Foi transcrito como <c> e como <qu>. Exemplo: <quaaes> קוּאַאַשׁ (200r-32).

(w) ר Resh

Trata-se de um grafema de um único traço, no qual a pena não sai do papel. O ângulo entre a linha horizontal e a vertical é arredondado, o que o diferencia do dálet. A linha horizontal é grossa e a vertical fortemente inclinada para a esquerda, tornando-se fina ao final. Assemelha-se às formas semicursivas e cursivas de Bernheimer (1924). Exemplo: <termeos> טִירְמִיאִושׁ (199v-17).

Foi transcrito como <r>, mesmo em contextos em que o usual seria <rr>, no português do século XV, já que resh nunca aparece dobrado nos fôlios analisados, nem no primeiro punho. Minervini (1992, p. 30) esclarece:

A grafia do hebraico apoia-se, como se diz, em um pontinho, chamado de daguash hazaq, para a tarefa de assinalar a duplicação consonantal. Este sistema, que somente se encontra em outras tradições de aljamia, nunca é utilizado nos textos judeu-espanhóis, provavelmente porque /r/, que é a única consoante espanhola a ser submetida à duplicação, é transcrita com resh, a qual, em hebraico, não pode ter o daguash hazaq sobreposto.

(x) ש Shin

Há muita semelhança tanto com os exemplos de escrita semicursiva e cursiva de Bernheimer (1924) quanto com a maioria dos exemplos de cursiva oriental de Weinfeld (1951): uma haste vertical tem, em cada uma das duas extremidades, uma linha horizontal da esquerda para a direita, tendendo para o alto. A linha horizontal da extremidade superior é fina e curta, com aparência de um apêndice, isto é, uma linha em que houve levantamento da pena em relação à linha vertical. Já a inferior é grossa com um arredondamento na sua extremidade, estando em continuidade com a linha vertical. Bernheimer (1924, p. 86) caracteriza a shin cursiva da seguinte forma:

[...] o lado direito tendo desaparecido ou atrofiado e prolongado o apêndice superior, a letra resulta, na maior parte dos casos, constituída de uma parte vertical, da qual se destacam nas extremidades superior e inferior duas linhas mais ou menos curvas e relativamente paralelas.

Foi transcrita como <s> e <x>. Exemplo: <esto> טשׂא (199v-11).

(y) ן Tav

Não foi encontrada nos fólhos analisados do segundo punho e em nenhum local do primeiro punho. A preferência de uso foi dada ao tet. Ver comentário na seção da letra kaf.

Nexo

Nexos são

[...] uniões de uma ou mais letras que se produzem por sobreposição aparente (isto é, pela aproximação de uma parte de duas ou mais letras, em que o traço da letra base serve para formar o da outra letra), ou por inclusão de uma ou várias letras em outra (NÚÑEZ CONTRERAS, 1994, p. 43-44).

O presente no texto é um nexo constituído por um álef e um lámed, em que falta o apêndice da esquerda e com a linha média prolongada para o alto. Em relação ao proposto por Bernheimer (1924), a semelhança do nexo do *De magia* é maior com os exemplos semicursivos do que os cursivos, mas ela existe em ambos os casos e é muito semelhante, especificamente, ao exemplo de cursiva espanhola. No *De magia*, a linha do meio é oblíqua para a direita, e não horizontal, ao contrário de vários exemplos apresentados pelo autor. A linha esquerda é quase que absolutamente vertical, e a direita tem forma arredondada, dirigindo-se para o alto e para a direita, alcançando a altura da linha medial. Foi transcrito como <al>, sem diferenciação feita com a sequência álef seguido de lámed. Conforme o autor (BERNHEIMER, 1924, p. 92), o nexo álef + lámed,

[...] ainda que seja mais frequente de todos, é, todavia, longe de constituir uma característica constante dos manuscritos judaicos. Numerosas escritas, tanto rabínica quanto cursiva, não usam a forma abreviada, escrevendo as duas letras por inteiro. Em muitos manuscritos, observa-se que a forma unida ou abreviada aparece usada apenas em certas palavras ou em certos casos. [...] Em outros manuscritos, a forma abreviada é usada apenas quando as duas letras se encontram em final de palavra, em outras é usada sem uma norma pré-estabelecida.

Exemplo: <mal> מאל (416-22).

Não foram encontrados outros nexos nos fólhos analisados, mas o autor apresenta outras formas menos frequentes (BERNHEIMER, 1924, p. 92-95).

Dígrafos e trígrafos

Assim como o ídiche, conforme Katz (1987), o judeu-português apresenta dígrafos e trígrafos, ainda que com menos frequência. No segundo punho, foram

encontrados dois dígrafos e um trígrafo, conforme se pode verificar abaixo. Ao contrário do primeiro punho, nos fólios estudados, não foi encontrado o trígrafo nexu (álef e lámed) + yud duplo. Como no judeu-espanhol (KOHRING, 1991), representam vários sons, o que os torna um grande desafio para a transcrição e a leitura do texto.

(a) ךם Yud duplo

A transcrição é bastante variada: <y>, <ey>, <ye> <ee>. Exemplo: <contrayro> קונטרײרו (200r-9).

(b) ךם Nun + yud duplo

Transcrições: <n>, <nhe>, <nhei>, <ny>. Exemplo: <senhor> שׁניײור (199v-2).

(c) ךם Lámed + yud duplo

Transcrições possíveis: <lh>, <lhe>, <lhi>, <lhei> <ly>, <ley>. Exemplo: <bra-lha> בראליײא (85r-32).

CONCLUSÃO

A caracterização grafemática do segundo punho do *De magia* e a proposta de transliteração complementam o estudo já feito do segundo punho, tornando o entendimento do manuscrito *De magia* mais completo, proporcionando avanços na problemática dos textos judaicos medievais, de um modo geral. Assim, conhecendo e entendendo melhor as aljamias portuguesas judaicas, permite-se melhor compreensão não apenas a história da língua portuguesa, mas também das línguas judaicas e dos sistemas de escrita em geral. É preciso, entretanto, dar continuidade ao estudo da escrita aljamiada do manuscrito, sendo a próxima etapa a identificação da representação fônica de seus grafemas, o que deverá ser feito em breve.

DE MAGIA (MS. LAUD OR. 282, BODLEIAN LIBRARY): GRAPHEMATICS AND NORMS FOR TRANSCRIPTION OF THE SECOND HANDWRITING

Abstract: Analysis of the writing of the second handwriting of the codex *De magia* (*Ms. Laud Oriental 282*, Bodleian Library), an astrological guide in Portuguese but in Hebrew characters, dating from the 15th century. Besides classifying the writing system, the graphematic representation of the manuscript is also explored – simple graphemes, nexus, digraphs and trigraphs –, taking Bernheimer's (1924) theoretical and methodological proposal. Besides that, a coherent system of transcription from Hebrew characters to Latin ones is presented, which results in a not only consistent but also economic graphematic system.

Keywords: Aljamia. Graphematics. Old Portuguese.

REFERÊNCIAS

- BEIT-ARIÉ, M.; ENGEL, E. *Specimens of Mediaeval Hebrew Scripts*. Jerusalem: The Israel Academy of Sciences and Humanities, 2002.
- BERNHEIMER, C. *Paleografia ebraica*. Firenze: Leo Olschki, 1924.
- BIRNBAUM, S. Cursive script. In: SKOLNIK, F. (Ed.). *Encyclopaedia judaica*. Detroit; New York; Jerusalem: Thomson Gale/Keter, 2007. v. 21, p. 697-706.
- DUCHOWNY, A. *De magia (Ms. Laud Or. 282, Bodleian Library)*: edição e estudo. 2007. 323 f. Tese (Doutorado em Linguística)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- DUCHOWNY, A. Astrologia e manuscritos medievais judaicos: interfaces. *Agália*, Santiago de Compostela, n. 101, p. 35-55, jan./jun. 2010a. Disponível em: <<http://www.agalia.net/component/k2/item/8-astrology-and-medieval-jewish-manuscripts-interfaces.html>>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- DUCHOWNY, A. *De magia (Ms. Laud Or. 282, Bodleian Library)*: descrição codicológica. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 89-109, jan./jun. 2010b. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/35>>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- DUCHOWNY, A. *De magia (Ms. Laud Or. 282, Bodleian Library)*: representação grafemática e transcrição. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 7-36, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/index.php?option=com_content&view=article&id=254&Itemid=60>. Acesso em: 15 ago. 2013.
- HILTY, G.; SIRAT, C. Le judéo-portugais: une langue marginalisée? In: CLERICI, A.; MENDES, M. *De márgenes y silencios: homenaje a Martín Lienhard*. Madrid: Iberoamericana, 2006. p. 99-116.
- KATZ, D. *Grammar of the Yiddish Language*. London: Duckworth, 1987.
- KOHRING, H. Judeu-espanhol em escrita hebraica. *Neue Romania*, Berlim, n. 12, p. 95-170, jul./dez. 1991.
- MINERVINI, L. *Testi giudeospagnoli medieval*. Napoli: Liguori, 1992.
- NÚÑEZ CONTRERAS, L. *Manual de paleografía*. Madrid: Cátedra, 1994.
- WEINFELD, E. (Ed.). *Enciclopedia judaica castellana*. México: [s. n.], 1951. v. 1.

Recebido em janeiro de 2014.

Aprovado em março de 2015.